

Choque perceptivo

Guilherme da Rosa

O livro *O Cinema e a invenção da vida moderna* é o primeiro livro da Coleção Cinema, Teatro e Modernidade da editora Cosac Naify. Coordenada por Ismail Xavier, a coletânea traz à língua portuguesa vários títulos de importância para compreensão das imbricações de cinema e teatro, e seus desdobramentos, com a experiência moderna. A coleção, iniciada em 2004, vem contribuindo, deste então, com obras de igual valia para tal propósito, a exemplo também de *Cinema, vídeo, Godard*, de Philippe Dubois, publicado em 2004, e o décimo quarto e último até o momento, *Cinefilia*, de Antoine de Baecque, de 2011.

Pode-se observar que o primeiro livro da coleção, em questão, é, de fato, um ponto de partida para a proposta da edição dos títulos e permite um diálogo bastante coerente entre as obras. *O Cinema e a invenção da vida moderna*, é uma coletânea de textos organizada por Leo Charney e Vanessa Schwartz que trata de fornecer um mapeamento de como o cinema, e não apenas ele, atua sobre “a caracterização do momento formador de uma nova experiência estética e do tipo de sociedade que lhe deu ensejo” (XAVIER, 2004 p. 9). Esta nova experiência, bastante alicerçada no que desenham Walter Benjamin, Georg Simmel e Siegfried Kracauer, trata de fazer uma leitura a partir do que o moderno oferece como “choque perceptivo”.

Para a compreensão deste cenário é necessário um esforço metodológico para além da racionalidade instrumental do positivismo e da narrativa do progresso e de um cenário

de mudanças tecnológicas e sociais que eclodiram no final do século XIX, a exemplo do rádio e do cinema, como referenciado pelo texto *Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular*, de Ben Singer (p. 95). O que o livro propõe é uma reunião de leituras deste choque perceptivo a partir de suas relações fenomenológicas e da compreensão da ideia de experiência tão cara a Benjamin. A experiência, então, é cruzada com recortes de cunho sócio-histórico, o que faz com seja bastante atraente ao olhar que propõem os estudos culturais¹ de origem britânica e também latino-americana, em alguns casos a exemplo de Jesús-Martín Barbero.

Nos interessa a curta observação de dois textos que compõem o livro. O primeiro deles é o de Jonathan Crary, *A visão que se desprende: Manet e o observador atento do fim do século XIX*, que trata da experiência moderna como uma co-existência da atenção e da distração a partir de um viés fenomenológico. O que, absolutamente, constitui uma novidade da modernidade, no sentido de não colocar estes dois termos em oposição e, como, a racionalidade convenciona não estabelecer a primazia sobre a atenção como característica de um sujeito produtivo e adaptável socialmente (CRARY, 2004 p. 72). Crary, observando o quadro de Manet, *Na estufa (Dans la serre, 1879)*, observa que atenção e distração passam na verdade a existir em um único *continuum*, em uma dobra. Algo em relação a identificar quem é o espectador moderno, sendo o cinema um fornecedor da experiência efêmera, fragmentária e sensoria, que pressupõe um sujeito longe da estabilidade cartesiana.

Além deste, o de Alexandra Keller, *Disseminações da modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência*. Neste caso, o objeto de análise não é a relação dos sujeitos

¹ Ismail Xavier evidencia este olhar a partir também da multiplicidade de objetos e dos enfoques transdisciplinares apresentados no livro. Menciona também que esta relação é apontada pelos próprios autores (XAVIER, 2004 p. 11).

modernos com os produtos fílmicos, mas com os catálogos de venda da loja Sears. É possível compreender o papel da experiência disseminado a partir da publicidade e do design e um uso perspicaz da narrativa e das imagens para “vender sem parecer que está vendendo – encobrir um aparato discursivo na roupagem de outro” (KELLER, 2004 p. 197). Este quadro é relacionado a uma ideia de consumo simbólico: consumidores passam a folhear “narrativamente” os catálogos, com a ideia de experiência e de desejo, tão caras ao que o cinema passa a proporcionar. Uma das tantas propagandas dos catálogos que estão no texto ilustra a cena de uma mulher sendo cortejada por cavalheiros, a partir de uma ideia incipiente da moda e do consumo ligados ao desejo de um estilo de vida.

A obra, certamente, oferece um primeiro passo generoso aos que se propõem a observar como o cinema participa da invenção de um modo a estar na modernidade. Além destes textos citados, tantos outros abrem possibilidades de compreensão do cinema e um sujeito que começa a ser ensinado a fazer uma leitura fragmentária e mediada por imagens do mundo que o cerca. ◻

O cinema e a invenção da vida moderna

Leo CHARNEY e Vanessa R. SCHWARTZ

Cosac Naify, São Paulo, 2004

Coleção Cinema

